



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1118

Skinheads White Power na América do Sul: A internacionalização no discurso nacional-socialista da Blood & Honour

Samoel Ramos de Alcantara
(UNESP - Campus Marília)

Resumo.

O presente trabalho trata-se de uma investigação sobre manifestações políticas de extremismo de direita na América do Sul contemporânea, em específico, a atuação da organização skinhead internacional denominada *Blood and Honour*, no Brasil. Privilegiando o debate da categoria nacional-socialismo através de fundamentos da Ciência Política e das Relações Internacionais.

Nem todo skinhead é um apoiador do nazismo, assim como nem todo entusiasta da suástica é um skinhead, no entanto existem grupos que se autodenominam enquanto skinheads que apoiam e militam em prol de uma organização social racista baseada em uma suposta supremacia branca, esses ficaram conhecidos como skinheads White Power.

Através dessa pesquisa buscou-se estudar o pensamento e atuação política disseminada e empreendida pela *Blood and Honour*, apontando, mais especificamente, para sua articulação na América do Sul. Foram analisadas as características constitutivas do pensamento nacional socialista difundido pela organização principalmente através de sites na internet, buscando-se compreender como o nacional socialismo foi, enquanto categoria analítica, modificado para melhor servir os objetivos da *Blood and Honour*, com enfoque maior nas concepções de internacionalização do movimento.

Observou-se que a internacionalização presente no pensamento nacional socialista da *Blood and Honour*, está pautada em uma organização racial supra estatal baseada na união de indivíduos ou grupo de indivíduos supostamente herdeiros de uma ancestralidade ariana; diferentemente da concepção nacional socialista alemã das décadas de 1920 e 1930 que buscava uma internacionalização através da expansão do domínio nazista, esse último altamente pautado na ação estatal e em uma concepção de nacionalidade cívica.

Palavras-chave: Extrema direita; Skinheads White Power; Nacional Socialismo; Blood & Honour; América Latina.

Introdução/Justificativa

Nem todo *skinhead* é um apoiador do nazismo, assim como nem todo entusiasta da suástica é um *skinhead*, porém dentre as diversas vertentes do movimento *skinhead* existem aquelas engajadas na militância nacional-socialista em prol de uma reorganização da sociedade em fundamentos ideológicos racialistas, como é o caso dos *Skinheads White Power*.

No entanto, para melhor se entender as manifestações contemporâneas do nazismo, como as manifestações *Skinheads White Power* – estes presentes em quase todos países da Europa, nos EUA, na África do Sul e na América Latina – é necessário remontar aos primórdios do movimento *skinhead* que surge na Inglaterra no final da década de 1960.

A Inglaterra naquele período, conforme aponta pesquisa que subsidia esta proposta de investigação, “[...] era o cenário de muitos grupos juvenis como os *rudeboys* ou *rudies* (grupos de migrantes jamaicanos conhecidos por posturas violentas e machistas) e os *mods* (gangs violentas, retratadas no filme *Laranja Mecânica* de Stanley Kubrick).” (BARBOSA, 2009 p. 03)¹

Na análise sobre a gênese do objeto é fundamental a compressão sobre o surgimento dos grupos *skinheads*, suas tendências e concepções:

Os *skinheads* surgiram inicialmente como grupo juvenil não racista que frequentava círculos dos *mods* (sendo conhecido como *hard mods*) e dos *rudeboys* nas festas de *ska* (gênero musical jamaicano). Eram em sua maioria filhos de operários; se vangloriavam ao afirmarem ser um movimento genuíno de trabalhadores nacionalistas na construção de suas fronteiras de identidade social e territorial. Além do sentimento exacerbado pelo futebol (defesa do território), os primeiros *skins* articularam a construção de sua identidade social: botas, suspensórios, calças-jeans, com elementos de identificação com a estética dos operários ingleses, assim como utilizaram como marca identitária as cabeças raspadas, em oposição aos *hippies* identificando pelos *skinheads* como cabeludos, usuários de entorpecentes e alienados. (BARBOSA, 2009 p. 03).

Segundo Timothy S. Brown, “o movimento *skinhead* original do final dos anos 1960 era uma síntese multicultural organizada ao redor da maneira de se vestir e da música. Os primeiros *skinheads* eram uma derivação da subcultura

¹ Disponível em: <<http://passapalavra.info/2009/05/6041>> Acesso em 03/02/2015

“mod” britânica do começo dos anos 1960.” (BROWN, 2004, p. 157 – tradução nossa).

Conforme aponta Brown (2004):

Alguns *mods* começaram a enfatizar os aspectos mais proletarizados de suas aparências, cortando seus cabelos curtos e trocando seus ternos alinhados e sapatos caros por jeans e botas pesadas. Os “hard mods” “sem frescura” prefiguraram o surgimento dos primeiros *skinhead* (BROWN, 2004, p. 157 – tradução nossa).

Concomitante as primeiras manifestações dos *skinheads* a Inglaterra recebeu uma grande quantidade de imigrantes jamaicanos e paquistaneses, esses seriam introduzidos na dinâmica fabril como mão de obra barata, porém a crise do petróleo de 1970 ocasionou uma elevação na taxa de desemprego, sendo que, uma parcela da sociedade inglesa passou a culpar os imigrantes pela falta de trabalho, acusando-os de tomarem vagas de ingleses por oferecer seu trabalho por um menor preço. (BARBOSA, 2009 p. 03).

As mudanças na subcultura *skinhead* no final da década de 1970, mudanças essas refletidas até mesmo na preferência musical, uma vez que, diferentemente dos primeiros *skinheads* que se identificavam com músicas de raízes jamaicanas, uma parcela crescente de *skinheads* passou a adotar o *punk rock* como preferência musical, o que abriu caminho para novas vertentes musicais com o *street punk* e a *Oi music*.

A crescente popularidade política da direita radicalizada se tornou atraente para uma parcela cada vez maior de *skinheads*, o que levou a cooptação dessa massa de jovens por partidos como a Frente Nacional Britânica.

Conforme aponta Timothy S. Brown:

A politização – que se tornou proeminente no final dos anos 1970 e alcançou um pico no início dos anos 1980 – produziu uma crise de identidade na cena *skinhead*. A cisão entre – de um lado – *skins* de direita dissidentes das raízes da subcultura negra, e – do outro lado – *skins* de esquerda ou “apolíticos” o quais mantiveram essas raízes como sendo central para a identidade *skinhead*. (BROWN, 2004, p. 158)

Nesse contexto uma parcela do movimento *skinhead* passou a adotar concepções chauvinistas e xenófobas, divergindo da configuração ideológica inicial dos primeiros *skins*.

Na década de 1980, conforme aponta Jefferson Rodrigues Barbosa:

[...] ocorre um segundo momento na construção da identidade *skinhead*, a construção de uma identidade mais politizada e muitos grupos começaram a rearticular e se identificar com propostas de partidos chauvinistas como o National Front (Frente Nacional), partido político inglês defensor de ideais nazistas; ocorre então entre os *skins* ingleses a inserção de valores relacionados à pureza racial e a necessidade de um espaço vital de uma sociedade sem imigrantes para a construção de uma Inglaterra somente para os ingleses. (BARBOSA, 2009, p. 03)

Em 1987, segundo aponta Alexandre Almeida (2004), oriunda de uma ruptura no *National Front* inglês², consolidou-se a formação da *Blood & Honour*, uma organização que se assumia Nacional Socialista, destinada a congregar *Skinhead* e patrocinar bandas *White Power*. Coube a essa organização internacionalizar o ideário *Skinhead White Power*, missão essa que foi levada a cabo através de seu fanzine “*BloodandHonour*”, de seus lançamentos musicais e pela fundação de várias seções em países europeus, nos Estados Unidos, na Austrália e na África do Sul. (ALMEIDA 2004).

Sobre a suposta importância da missão de liderar a resistência internacional *White Power*, um dos líderes da *Blood & Honour*, conhecido como Max Hammer, declara em um texto de sua autoria:

Na minha cabeça existe somente uma organização que tenha qualquer possibilidade de tratar dessa enorme tarefa com sucesso. Ela é chamada BLOOD & HONOUR. Ela foi fundada pelo nosso camarada e mártir Ian Stuart e apropriadamente tomou o nome do grito de batalha da Juventude Hitleriana – a nova geração dos guerreiros NS. Nenhuma organização *White* ganhou tal respeito entre nossos camaradas de cada canto da Europa bem como África do Sul, Austrália e EUA. Esse é um movimento nacional revolucionário baseado nas ideias de Adolf Hitler. Blood & Honour tem filiais na maioria dos países brancos e seu QG funciona como um coordenador da luta mundial de resistência branca. (Max Hammer – *The way forward*).³

² Partido formado em fevereiro de 1967 a partir da fusão de três organizações políticas; a Sociedade de Preservação Racial, o Partido Nacional Britânico e a Liga de Legalistas do Império (ALMEIDA, 2004, pag. 25)

³ Disponível em: < <http://www.bloodandhonour.net/downloads/TheWayForward.pdf>>. Acesso em: <28/02/15>

Os esforços difusores de ideologias de supremacia racial empregados pela *Blood & Honour* fomentaram a circulação por todo o mundo de informações sobre o *White Power*, informações essas que no princípio eram transmitidas basicamente através de *skinzines*⁴, pela aquisição de discos e troca de correspondência. Foi através das informações, oriundas do exterior, obtidas por meio dessa rede de informações que se formou uma célula *White Power* em São Paulo o “Poder Branco Paulista”.

Alexandre Almeida (2004) apresenta o processo de formação do “Poder Branco Paulista”, segundo ele:

Desde o início da década de 80, a cidade de São Paulo e sua região metropolitana, já abrigavam um grupo de Skinheads conhecido por Carecas do Subúrbio, que inicialmente, era um entre os vários grupos Punks que existiam nesta região e assim como as demais, também se identificavam com os ideais do anarquismo e com o estilo Punk.

Com o passar do tempo, os Carecas do Subúrbio iniciaram um longo processo de distanciamento dos punks para se aproximarem dos ideais nacionalistas e da estética dos Skinheads europeus, até se constituírem como um grupo autônomo, oposto aos Punks, postulando ser um movimento nacionalista, não-alienado, cujos membros eram conscientes de sua condição proletária, fortes de corpo e puros de mente e que teriam como objetivo formar um exército de “carecas” para libertar o Brasil dos exploradores (COSTA, 1993 apud ALMEIDA, 2004, pag. 35)

Sobre o processo de fracionamento e cisão dos Carecas do Subúrbio e a formação do Poder Branco, Almeida afirma:

Este processo foi marcado por três impasses entre os Carecas gerados do desejo de politização e a formação de um grupo com ideais claros e coerentes, da falta de uma estrutura organizacional entre os Carecas e de uma hierarquia baseada na violência e, por fim, o fluxo constante de informações oriundas do exterior sobre as várias tendências ideológicas dos Skinheads europeus com quem alguns Carecas tiveram contato, como o *White Power*. (ALMEIDA, 2004, pag. 37)

No entanto, com o aumento da velocidade de troca de informações proporcionado pela popularização do uso da internet, a tendência difusora das

⁴ Tipo de fanzine (revista) com conteúdo sobre o movimento skinhead.

ideologias de supremacia racial e neonazistas teve um aumento exponencial em sua transmissão, ocasionando no surgimento de diversos grupos de extrema direita na América do Sul. O pesquisador Fabio Almeida Chang (2008), faz neste sentido, apontamentos:

A partir da segunda metade da década de 1990, os grupos de direita de inspiração nazi-fascista ganharam uma importante ferramenta de divulgação com a popularização da Internet. Na última década, a rede mundial de computadores configurou-se como o principal meio de comunicação da extrema-direita. Em páginas da web encontramos um vasto material neofascista, incluindo os textos chamados de negacionistas. Ainda na Internet, é possível encontrar indícios da estrutura organizacional dos movimentos de extrema-direita, o que aponta para um panorama complexo e ainda pouco estudado. (ALMEIDA, 2008).

O aumento da capacidade e facilidade de alcance proporcionado pela rede de computadores deu novas dimensões à envergadura internacional do movimento White Power (DIAS, 2007). É, portanto, tendo em vista essa envergadura internacional que a presente pesquisa buscará estudar a estrutura organizacional de uma expressão do movimento internacional White Power, através de sua organização mais expressiva; a *Blood & Honour*. E, uma vez que, esta organização *skinhead White Power* possui militantes em países da América do Sul, como se pode verificar em sites⁵ relacionados à organização, buscar-se-á analisar a sua atuação em países como Argentina, Chile e Brasil, através da análise dos materiais encontrados em sites relacionados à organização.

É importante salientar ainda que, a *Blood & Honor*, difusora de valores de supremacia racial, em suas pretensões de se consolidar como organização de dimensão internacional, apresenta suas bases de fundamento em novas concepções. Comparativamente a concepção de nacional-socialismo formuladas no livro base desta proposição de ordenamento social, o *Mein Kampf* (1925), para os asseclas contemporâneos, fazendo apologia a uma suposta “revolução racial ariana global” e a união internacional de uma suposta

⁵ <http://www.skrewdriver.net/worldindex.html>

“raça branca pura” o contexto de “xenofobia patriótica e imperialismo” e foi superado por novas formas organizativas.

Nessa direção, um dos líderes da *Blood & Honour* acima citado e conhecido pelo codinome de Max Hammer, afirma em texto por ele intitulado “The way Foward” (O caminho à frente):

É vital que o Movimento opere em uma escala internacional. Nossos inimigos trabalham a nível mundial e é essencial que nós sejamos organizados no mínimo em um nível pan-Europeu, porém a ideia é naturalmente um exercito pan-Ariano com divisões onde quer que pessoas Brancas vivam. [...]

A esse ponto nenhum nacionalista racial de verdade irá se opor a essa ideia. Os dias de uma xenofobia patriótica pura e imperialismo estão acabados. Eles derramaram suficiente sangue ariano para a felicidade de seus mercadores messiânicos de guerra e destruição. O termo “não mais guerra de irmãos” apenas pode ser alcançado através de uma cooperação internacional e entendimento entre o povo branco, baseado numa historia racial e destino comum enquanto respeitando o direito de autodeterminação de cada pessoa e nação. (Max Hammer – The Way Forward).

Tal assertiva de uma atuação a nível internacional do movimento *White Power* caracteriza, até mesmo, uma contradição com os ideais defendidos pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães na década de 1920, onde segundo Hitler:

O empecilho maior para a aproximação entre o operário de hoje e a coletividade nacional não reside na representação de interesses – conforme cada posição social – porém, ao contrário, na sua conduta e atitude internacionalistas, hostis ao povo e à Pátria. (HITLER, 2001, p. 251)

Tendo em vista a presença de aspectos do pensamento nacional-socialista no discurso dos integrantes da organização sobre qual o presente trabalho se debruça, faz-se necessário uma análise conceitual sobre o nacional socialismo, como fundamento teórico sob perspectiva critica.

Segundo Karl Dietrich Bracher, no verbete, nacional socialismo, presente no “Dicionario de Política Vol. 1” organizado por Bobbio, e Pasquino (1998), a criação e ascensão do Nacional-socialismo podem ser explicadas a partir da

situação existente em 1918-1919, onde, segundo o autor, as pesadas imposições impressas sobre a Alemanha pós-bélica no Tratado de Versalhes criou um ambiente propício para a mobilização de um nacionalismo agressivo. No entanto, como o autor expõe “tudo isso ia muito além de uma simples revisão dos tratados; ao nacionalismo foi atribuído um significado maior: a expansão imperialista da grande Alemanha, na sua condição de potência-guia mundial, fundamentada nas qualidades superiores da raça germânica ou nórdica” (BRACHER, 1983, p. 808) e, ainda, “a personalidade e as ideias de Hitler proporcionaram a esta reivindicação de hegemonia nacional-imperialista o suporte da ideologia nacionalista de uma grande Alemanha; em seguida esta ideologia foi sobreposta às componentes prussiano-alemãs da filosofia do expansionismo” (Idem).

Portanto data desde então a centralidade da figura do Hitler na formulação e propaganda do nacional-socialismo, figura essa que, a posteriori, viria a se tornar objeto de admiração dos seguidores das suas ideias nacionalistas de cunho racial cujas supostas raízes estariam na superioridade de uma raça nórdica, admiradores estes que são responsáveis pela articulação contemporânea do nacional socialismo enquanto conceito explicativo de uma concepção racista de organização social e cujas manifestações são observáveis em organizações como a que a presente pesquisa se propõe a analisar, no sentido de compreender atuação da militância em questão na América do Sul.

Segundo Hannah Arendt “se o hitlerismo exerceu tão forte atração internacional e intereuropeia durante os anos 30, é porque o racismo, embora promovido a doutrina estatal só na Alemanha, refletia a opinião pública de todos os países” (ARENDR, 1989, p. 188). Segundo a autora:

A ideologia racista alemã acompanhou as longas e frustradas tentativas de unir os numerosos Estados alemães; permaneceu – pelo menos em seus estágios iniciais – tão intimamente ligada a sentimentos nacionais que se tornou difícil distinguir na Alemanha o mero nacionalismo do racismo declarado. (ARENDR, 1989, p. 195)

Por sua vez, Franz Neumann destaca que “a conexão imediata e oportunista entre a doutrina nacional-socialista e a realidade faz que seja essencial um estudo detalhado da ideologia.” (NEUMANN, 1943, p. 57 – tradução livre). Segundo o autor:

A doutrina nacional-socialista pode ser denominada “ideologia” somente porque compete, por assim dizer, em um mercado mundial das ideias com outras ideologias, embora que no mercado interno é, desde logo, soberana e única. A ideologia democrática tem êxito quando pode convencer ou atrair, a ideologia nacional-socialista convence mediante o uso do terror. (NEUMANN, 1943, p. 58 – tradução livre)

Segundo Neumann:

O nacional-socialismo não tem uma teoria da sociedade [...] carece de um plano consistente em seu funcionamento, estrutura e desenvolvimento. Tem certas aspirações e ajusta suas declarações ideológicas a uma série de fins sempre mudando [...] A ideologia nacional-socialista se desloca constantemente. Tem certas crenças mágicas – a adoração do Führer, a supremacia da raça senhorial – mas não encontramos essa ideologia exposta em uma série de afirmações categóricas e dogmáticas. (NEUMANN, 1943, p. 59)

Sobre a relevância do estudo sobre o neonazismo e a extrema direita Paulo Fagundes Vizentini propõe que:

Os acontecimentos no mundo tem reforçado a importância da reflexão sobre o neonazismo e a extrema direita. A preocupação ao abordar esse tema não se restringe à ideia de um movimento político em si, ou a questões exclusivamente de origens sociais, éticas ou filosóficas ligadas a essa temática, mas sim contribuir a partir de uma dimensão histórica, principalmente calcada nos problemas internacionais, que estão por detrás desse ressurgimento, já que, infelizmente, esse é um fenômeno que não está conhecendo fronteiras no mundo inteiro. (VIZENTINI, 2000, pag. 19)

No entanto, são poucas as pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil que se propõe a estudar o cenário skinhead de maneira crítica, um trabalho pioneiro sobre o tema é o livro da pesquisadora Márcia Regina da Costa “Os Carecas do Subúrbio: Caminhos de um nomadismo moderno” publicado pela primeira vez em 1993, onde a autora busca analisar a formação de um grupo de jovens de origem operária que, nos subúrbios da

capital paulista, tendo como referência os skinheads ingleses, assumiram a denominação “carecas do subúrbio”. Tal trabalho é interessante para se observar a constante troca de informações entre jovens brasileiros e ingleses. Sobre os “Carecas do Subúrbio” a referida autora afirma:

[...] eles teceram uma rede complexa de busca de informações, de troca de experiências, através de fanzines, de cartas, de troca de fitas, de caráter alternativo a rede oficial, o que também lhes permitiu entrar em contato com os punks e skinheads existentes no mundo [...] (COSTA, 1993, pag. 83).

Tal relato revela a tendência internacionalizante da importação e construção de uma cultura skinhead no Brasil.

Outros pesquisadores se dedicaram a estudar as características do movimento skinhead no Brasil e na América do Sul, formando uma bibliografia pequena, mas muito importante sobre tal fenômeno. Algumas teses e dissertações foram escritas com temas que problematizam questões acerca da cultura *skinhead*, como a dissertação de Alexandre Almeida, intitulada “Skinheads: Mitos ordenadores do Poder Branco Paulista”, os trabalhos de Fabio Chang, “A serpente na rede: Extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina”, e de Adriana Dias, “Os anacronautas do teutonismo virtual: Uma etnografia do neonazismo na internet”.

No entanto é reduzido o número de pesquisadores que se dedicaram a estudar o movimento *Skinhead White Power* na América do Sul, sendo que muitos que o fizeram tocaram na questão internacional, mas sem coloca-la em uma posição central em suas respectivas pesquisas.

Objetivos

O presente trabalho buscou analisar o pensamento disseminado e a atuação política levada a cabo pela *Blood & Honour*, almejando-se entender a formulação do discurso nacional-socialista e suas ressignificações na contemporaneidade.

Resultados

Com a presente pesquisa observou-se que os grupos skinheads White Power vinculados à *Blood & Honour* defendem uma organização social supra estatal baseada em uma suposta superioridade de uma raça ariana. Tal ideologia tem suas bases na formulação do nacional-socialismo alemão a qual Adolf Hitler se pôs como um dos principais articuladores, no entanto, ao mesmo tempo em que se inspira no nacional-socialismo alemão dos anos 1930, a proposta disseminada pela *Blood & Honour* significa uma ruptura com a lógica de atuação estatal do nacional-socialismo, uma vez que a análise dos principais textos que contém o núcleo do pensamento e diretrizes de atuação da *Blood & Honour*, revelam uma apologia a atuação extra estatal facilitada pelos avanços tecnológicos na área de comunicação, além de uma união não mais pautada na nacionalidade cívica, mas na congregação, baseada em uma suposta ancestralidade ariana de indivíduos dispersos globalmente.

Considerações finais

A comprovação da hipótese de atuação da *Blood & Honour* no intuito de aglutinar mundialmente indivíduos comprometidos com as ideias disseminadas pela organização, dialoga com as concepções de uma sociedade civil organizada em uma lógica extra-estatal, porém, coloca um problema para a concepção mais liberal dessa categoria de análise que vê em uma suposta sociedade civil internacional o predomínio de aspectos positivos das relações humanas. Outro ponto a ser levado em consideração é a concepção de nacionalidade cívica e nacionalidade étnica, uma vez que o grupo ao qual o presente trabalho se propôs a investigar defende, de acordo com os materiais analisados, uma nacionalidade mais próxima daquilo que seria tido como uma nacionalidade étnica, ou seja, tem-se o pertencimento ao grupo com a auto declaração de uma ancestralidade ariana e não com os direitos outorgados por um estado.

Bibliografia

ALMEIDA, A. **Skinheads: os “mitos ordenadores” do Poder Branco paulista**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

ALMEIDA, Fábio Chang de. **A serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina**. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

BARBOSA, Jefferson R. **Entre milícias e militantes IV: neointegralistas ou integralismo contemporâneo**. PassaPalavra, 02 jul. 2009. Disponível em: <<http://passapalavra.info/?p=8711>> Data de acesso: 15 de jan. de 2015.

BRACHER, Karl Dietrich. **Nacional-socialismo**. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política: Vol. 1. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983. p. 806-812.

BROWN, Timothy, S. **Subcultures, pop music and politics: Skinheads and “Nazi Rock” in England and Germany**. In: Journal of Social History, Vol. 38, No. 1 (Autumn, 2004), pp. 157-178.

COSTA, Marcia Regina – **Os Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo, Ed. Vozes, 1993.

HAMMER, Max. **The way forward**. Disponível em: <<http://www.bloodandhonour.net/downloads/TheWayForward.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo, Centauro, 2001.

NEUMANN, Franz. **Behemoth: pensamento y acción en el nacional-socialismo**, México, 1943.

VIZENTINI, Paulo Fagundes – **O ressurgimento da extrema-direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional**, in, Neonazismo, Negacionismo e Extremismo político. Porto Alegre, Editora da Universidade (UFRGS) CORAG, 2000.